

NANETTE BLITZ KÖNIG¹

(Amsterdã, Holanda, 1929)



Nanette König, S. Paulo, setembro de 2015.

Fotografia: Luiza Sigulem.

Disponível em: <<http://brasileiros.com.br/2015/09/148587/>>. Acesso em: 28 jul. 2017

1 Entrevista concedida por Nanette König às pesquisadoras Ana Carolina Duarte, Lilian Ferreira de Souza e Rosana Meiches. A textualização de seu testemunho, para ser disponibilizado no *site* do projeto, foi feita por Lilian Ferreira de Souza e Rosana Meiches. Esta história de vida foi editada por Laís Rigatto Cardilo e Maria Luiza Tucci Carneiro. Iconografia: Nanci Souza e Samara Konno.

Minhas raízes judaico-holandesas

Meu nome é Nanette Blitz König, Blitz de nascimento e König de casada. Nasci em Amsterdã, na Holanda, no dia 6 abril de 1929, sendo de uma família judaica não muito religiosa, de classe média. Meu pai chamava-se Martijn Willem Blitz, natural da Holanda, e trabalhava na gerência do Banco de Amsterdã. Minha mãe chamava-se Helene Victoria Davids, nasceu em Kimberley, na África do Sul, onde morava sua família. Lembro-me de que ela retornou para visitá-los por ocasião da Primeira Guerra Mundial. Tive dois irmãos: Bernard Martijn, que nasceu em agosto de 1927, e o mais novo, Willem, que nasceu em 1932 e faleceu em novembro de 1936 por problemas cardíacos. Em casa falávamos o holandês e o inglês. Tínhamos aulas de religião com um rabino.



Amsterdã, na Holanda, cidade natal de Nanette Blitz König.
Google Maps.

Fui feliz na minha infância e juventude, até o momento em que os nazistas ocuparam a Holanda em 10 maio de 1941. Estudei no Liceu Judaico de Amsterdã, uma escola pública diferenciada, em função de uma vizinhança privilegiada, porque era obrigada a frequentar uma escola judaica. Nessa mesma escola, estudou também Anne Frank, que foi minha colega de classe, como já disse em algumas de minhas entrevistas:

Nanette Blitz König

Ela foi uma pessoa especial, com sorriso no rosto e que esbanjava vontade de viver. Embora para mim, os escritos no seu livro [diário] não fossem novidade, pois eu também vivia aquilo. Sua escrita era impecável e descrevia com precisão a dor e a perseguição do Estado nazista sobre nós judeus.²



A classe de Anne Frank (ao centro) na escola Montessori n. 6, sendo seu professor (à direita) o senhor Van Gerder. Amsterdã, 1936. Disponível em: <<http://www.annefrank.org/pt/Anne-Frank/Emigrando-para-a-Holanda/Em-Amesterdao-em-casa/>>. Acesso em: 28 jul. 2018.



Nanette Blitz, a primeira à direita, sentada no banco ao lado do professor, com sua turma de primário na Willempark School. Amsterdã, c. 1941.
Fotógrafo não identificado.
Acervo: N. König; Arqshoah-Leer/USP.

² Trecho reproduzido da matéria “Fui salva pela indiferença...”, de Orion Pires. Entrevista com Nanette König publicada pela Globo.com, 5.9.2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2014/09/fui-salva-pela-indiferenca-diz-amiga-de-anne-frank-que-viveu-o-holocausto.html>>. Acesso em: 28 jul. 2017.

Vozes do Holocausto

Ainda hoje mantenho contato com alguns colegas da minha classe, entre os quais Jacqueline van Maarsen, Hanele Goslar e Theo Koster. Em junho de 1942, estive na festa do aniversário de 13 anos de Anne na casa da família Frank, com direito a assistir à exibição de um filme de *Rin-Tin-Tin*. Levei um broche para a minha amiga, que ganhou do pai um caderno de capa xadrez. Nele, Anne escreveu o diário que se tornou um dos maiores fenômenos editoriais do mundo.

Meu pai costumava receber muitas visitas do exterior porque trabalhava com papéis estrangeiros. Chegamos a ir de férias à Suíça e Inglaterra. Parte da minha família tinha ascendência holandesa e a outra, no caso os meus avós maternos e suas quatro filhas, morava em Kimberley e Cape Town, na África do Sul. A minha mãe tinha três irmãs: Rachel, Marion e Betty. Durante a Primeira Guerra Mundial, a família mudou-se para a Inglaterra. Em geral negociavam diamantes.

Meu pai conheceu minha mãe quando foi visitar a família em Londres, onde se casaram em 1927. Eles eram primos e se encontraram na Inglaterra. Lembro-me de que, por ocasião do aniversário de casamento de 12 anos e meio dos meus pais, houve uma grande festa. Até hoje guardo a fotografia desse encontro que reuniu muitas pessoas da família.



Nanette Blitz, sorridente (ao meio, de vestido branco), por ocasião da festa de aniversário de casamento de seus pais. Amsterdã, c. 1939.

Fotógrafo não identificado.

Acervo; N. König; Arqshoah-Leer/USP.

Nessa histórica fotografia, identificamos, na primeira fila da esquerda para direita: minha tia avó Klara, meu avô Willem Blitz, meu irmão Bernard Martijn, minha avó Mari Meijer,

meu pai Martijn Willem Blitz, minha mãe Helene Blitz Davids e Betty Davids, a irmã mais jovem da minha mãe. Os demais são familiares e amigos.

Sob a ocupação nazista na Holanda

Os nazistas invadiram a Holanda em 10 de maio 1940 e, a partir do mês de agosto, começaram a impor leis antissemitas aos judeus no país.^A Meu pai foi impedido de trabalhar no banco, tendo acatado a orientação de se demitir. Foi colocado junto com a família numa lista de judeus que deveriam ir para a Palestina, supostamente para sermos trocados por prisioneiros de guerra.

Em janeiro de 1941, todos os judeus foram obrigados a se registrar na prefeitura. Em julho, os adultos tiveram um “J” (de judeu) estampado no seu “cartão de identidade”, uma das formas de mapear a população judaica na Holanda que, nessa época, era de cerca de 130 mil pessoas. Se soubéssemos que isso seria nossa condenação à morte, não teríamos ido. Ainda guardo comigo o meu cartão de registro datado de 22 de março de 1941. A partir dessa data, a nossa vida foi uma constante luta pela sobrevivência.

Em 1942, fomos obrigados a usar uma estrela amarela costurada em nossas roupas, e ainda a guardo entre os meus documentos. As autoridades do governo da cidade deram aos alemães mapas identificando os locais onde residia a maioria dos judeus, o que facilitou o trabalho da deportação. O mapa também marcou as residências.

A- A partir de agosto de 1940, um conjunto de leis antissemitas começou a ser aplicado pelos nazistas na Holanda ocupada. A primeira proibia que os açougueiros matassem os animais por hemorragia de acordo com as exigências *kasher**, alegando que essa prática “manchava a honra nacional holandesa” e que “preservava os animais da violência judaica”. Em setembro, os comerciantes e lojistas foram proibidos de vender seus produtos nas ruas, e, em seguida, os judeus de exercer cargos públicos, prestar serviços ao governo e ocupar cargos nas universidades.

Vozes do Holocausto

NR. van Baerlestr 58 bhs

Gesl.nm. aBlitz

Voorn. Nanette

Geboren op 6 April 1929

gem. Amsterdam

land _____

Laatste woonplaats in het Groot-Duitsche Rijk of in het Gouvernement-Generaal van het bezette Poolsche gebied: _____

Nation.: Ned

Vroegere nation.: _____

Kerkelijke gezindte: NI

Berep. zaamheid: _____

Gehuwd met: _____ Gesch. op _____ Overl. _____

Aantal joodsche grootouders in den zin van art. 2 der Verordening: vier

**BEWIJS
VAN AANMELDING,**

als bedoeld in artikel 9, eerste lid, van de Verordening No. 6/1941 van den Rijkscommissaris voor het bezette Nederlandsche gebied, betreffende den aanmeldingsplicht van personen van geheel of gedeeltelijk joodschen bloede.

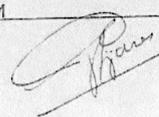
JOODSCHE RAAD VOOR AMSTERDAM

De ondergeteekende, ambtenaar voor de aanmelding, verklaart dat de aan zijde/aangeduide persoon, opgenomen in het Bevolkingsregister dezer gemeente, heeft voldaan aan de verplichting tot aanmelding volgens de bovengenoemde Verordening.

Afgegeven op 22 MAART 1941

in Gemeente AMSTERDAM

De Burgemeester
voor den Burgemeester,
De Administrateur
afd. Bev.registator en Verklazingen,



Cartão de registro de Nanette Blitz, uma das formas de controle e mapeamento dos judeus na Holanda ocupada. Os judeus poderiam ser parados a qualquer momento nas ruas, nos ônibus ou bondes para que apresentassem esse cartão, correndo o risco de prisão, caso o esquecessem em casa. Amsterdã, 22 de março de 1941.

Acervo: N. König; Arqshoah-Leer/USP.

De Westerbork para Bergen-Belsen

Numa manhã, no fim de setembro de 1943, ouvimos batidas na porta da nossa casa: havia chegado a nossa vez. Sabíamos que seríamos levados para algum campo de extermínio ou de trabalho. Foi aí que começaram momentos muito difíceis para os meus pais, meu irmão mais velho com 16 anos e eu, com 14 anos. No dia 29 daquele mês, fomos levados para Westerbork,^A um campo de transição. Todas as terças-feiras saía de Westerbork um trem com dois mil judeus que eram transportados para os campos de extermínio em Auschwitz-Birkenau e Sobibor. Nossa deportação demorou

A- O campo de trânsito de Westerbork (em holandês: *Kamp Westerbork*; em alemão: *Durchgangslager Westerbork*) foi criado na Segunda Guerra Mundial pelos nazistas em Hooghalen, dez quilômetros (6,2 milhas) ao norte de Westerbork, no nordeste dos Países Baixos. Sua função, durante a Segunda Guerra Mundial, foi concentrar judeus e romanis (ciganos) holandeses para o transporte a outros campos de concentração e extermínios nazistas.

porque minha mãe, por ter nascido na África do Sul, alegou que não era judia.

No dia 15 de fevereiro de 1944, fomos deportados para Bergen-Belsen em um trem comum. Meu pai chegou a enviar uma carta a um conhecido na Suíça que trabalhava em banco. Nessa carta, ele dizia que podia receber pacotes. Após a guerra, esse senhor me escreveu e me enviou, em anexo, a carta que meu pai lhe havia escrito e disse que sentia muito não lhe ter dado resposta. Eu guardei essas cartas.

Em Bergen-Belsen,^A encontrei-me novamente com Anne Frank um mês antes de ela falecer no início de março de 1945.^B Falei com ela várias vezes, e nessas conversas contou-me que queria usar o diário que escreveu, também durante o tempo que estavam escondidos, como base de um livro a ser publicado depois da guerra. Na última vez que nos encontramos, ela estava cheia de piolhos, enrolada em um cobertor por não aguentar mais o desconforto que lhe tomava conta da cabeça e do corpo. Anne era um esqueleto a poucas semanas da sua morte. Foi ela que me contou sobre o que estava acontecendo em Auschwitz.

Em Bergen-Belsen eu ajudava a cuidar das crianças e fazia alguns outros serviços. Os nazistas faziam os homens trabalhar como cavalos. Foi horrível! Meu pai trocava a comida (muito rara nos campos) por cigarros e morreu de enfarte em 24 de novembro de 1944. No dia 4 de dezembro, meu irmão Bernard foi deportado para o campo de Oranienburg, perto de Sachsenhausen. Penso que foi morto assim que chegou ao campo. Minha mãe foi deportada para uma mina de sal em Beendorf, a 700 metros abaixo do solo, onde funcionava uma fábrica para produzir peças para aviões. Ali, as condições de

A- Bergen-Belsen, por vezes referido apenas como Belsen, foi um campo de concentração alemão na Alemanha nazista. Localizava-se no atual Estado alemão da Baixa Saxônia, no distrito urbano de Celle. Entrou em funcionamento em 1940 como campo para prisioneiros de guerra logo após a invasão da Polônia, Bélgica e Holanda, com o nome de *Stammlager XI C/311*. A população do campo cresceu enormemente em 1941 com a chegada de prisioneiros soviéticos capturados após a invasão da União Soviética em junho daquele ano, muitos dos quais pereceram no inverno de 1941/1942, torturados pelos guardas nazistas. No ano seguinte, em 1942, Bergen-Belsen tornou-se um verdadeiro campo de concentração; as SS assumiram o comando em abril de 1943.

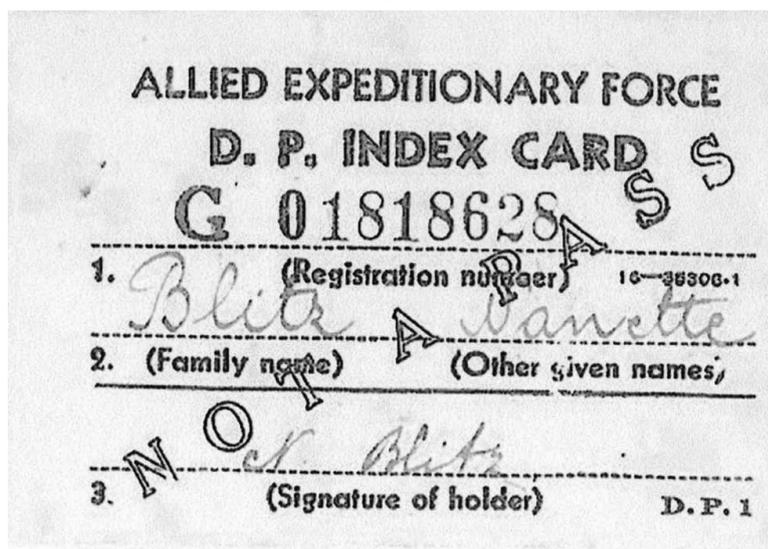
B- O nome completo de Anne Frank era Annelies Marie Frank, sendo de origem judaica. Nasceu na cidade de Frankfurt (Alemanha), em 12 de junho de 1929, durante a República de Weimar. Tornou-se universalmente conhecida após a publicação do seu diário em 1947. Viveu a maior parte da sua vida em Amsterdã (Holanda), onde o pai mantinha suas empresas. Durante a ocupação nazista nos Países Baixos, ficou escondida com a família em um quarto oculto de um edifício comercial, graças à ajuda de Miep Gies. Delatados, foram presos e transportados para campos de concentração, sendo Anne e a irmã Margot Frank levadas para Bergen-Belsen, onde morreram, provavelmente, de tifo epidêmico, num dia desconhecido de fevereiro de 1945. O único sobrevivente da família foi o pai Otto Frank que, ao retornar a Amsterdã, descobriu o diário da filha que havia sido guardado por Miep Gies.

trabalho eram terríveis. Em abril de 1945, ela morreu no trem que eventualmente chegaria à Suécia. Eu continuei em Bergen-Belsen, junto com minhas primas Bertha e Femke Mijer.

Em liberdade

Em 15 de abril de 1945, os ingleses entraram no campo de Bergen-Belsen. Eu pesava apenas 32 kg e estava doente com tifo. Esse meu estado debilitado explica o desenvolvimento difícil da estrutura óssea que exigiu, ao longo dos anos, a realização de várias cirurgias, para a colocação de próteses nos dois joelhos.

Consegui manter os meus documentos comigo mesmo quando fiquei doente com tifo, pneumonia e tuberculose. Perto de Bergen-Belsen funcionava uma escola militar, que foi usada para alojar alguns dos ex-prisioneiros. Acordei no chão, num colchonete de palha, numa das barracas onde os prisioneiros alemães foram compelidos a “cuidar” dos doentes. Um major inglês me viu e achou que eu era inglesa, razão pela qual fui transferida para uma cama. Foi quando recebi a visita desse major, o oficial médico Berney que estava entre aqueles que me libertaram de Bergen-Belsen e que cuidou dos meus ferimentos. Depois lhe pedi que enviasse uma carta para a minha família. Surpreendeu-se que eu falava bem inglês e acreditou na minha ascendência inglesa.



Cartão de identificação de Nanette Blitz como deslocada de guerra expedido pelas Forças Aliadas após a libertação.
Acervo: N. König; Arqshoah-Leer/USP.

Nanette Blitz König

Fui transferida para um hospital em Celle e dali transportada de avião para Eindhoven, na Holanda. No outono, fui levada para um sanatório em Santpoort perto de Haarlem, onde fiquei durante três anos, restabelecendo-me dos efeitos do campo. Além disso, levei um ano para recuperar o aparelho digestivo, pois fiquei muito tempo sem comer. Uma enfermeira, que cuidou do meu falecido irmãozinho, veio ao sanatório e ofereceu-se para cuidar de mim. Somente em maio de 1948 obtive alta do sanatório.

Após a guerra, o pai de Anne Frank, Otto Frank, enviou-me uma carta que ainda guardo. Ele chegou a me visitar em outubro de 1945 no sanatório em Santpoort, onde estava me recuperando de tifo, pleurisia e tuberculose, doenças comuns nos campos de concentração nazistas. Contou-me que pretendia publicar o diário de sua filha Anne, hoje traduzido para mais de 60 idiomas. Foi a avó de Anne que morava em Basel que sugeriu a publicação do livro.

Minhas duas primas de segundo grau também sobreviveram em Bergen-Belsen. Berta tinha 8 anos e Femke 2. Foram colocadas num trem, após a libertação do campo pelos russos. Os seus pais não sobreviveram. Elas ficaram em um orfanato na Holanda. Várias famílias holandesas esconderam crianças judias durante a guerra, salvando-as dos nazistas.

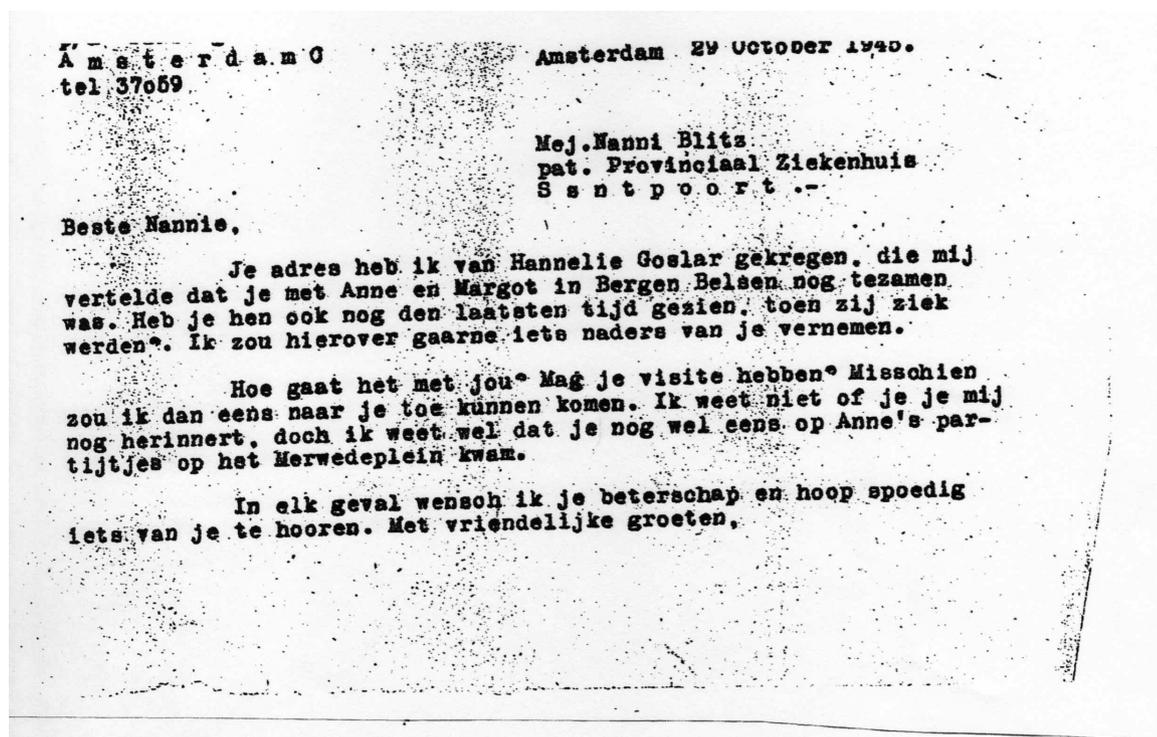


Nanette mostra um cartão recebido do pai, que faleceu em novembro de 1944. O irmão mais velho foi assassinado pelos nazistas em dezembro de 1944, e a mãe morreu em abril de 1945, dentro do trem a caminho da Suécia. S. Paulo, 2016.

Acervo: N. König; Arqshoah-Leer/USP.

Vozes do Holocausto

Mas, após a guerra, não as devolveram aos pais, e muitas não sabem sequer que foram adotadas, infelizmente.



Carta enviada por Otto Frank, pai de Anne Frank, a Nanette Blitz.
Amsterdã, 29 de outubro de 1945.
Acervo: N. König; Arqshoah-Leer/USP.

Uma nova vida

Na Holanda fiquei sob a guarda de um tutor e uma tutora, não era um casal, mas ambos eram amigos que o meu pai havia indicado para serem meus tutores, caso ele não sobrevivesse. O banco onde papai havia trabalhado me pagava uma pequena importância mensal, como sua descendente. Depois que comecei trabalhar num banco em Londres, fui obrigada a desistir dessa ajuda financeira.

Minha tia Betty, irmã mais jovem de minha mãe, insistiu que eu morasse na Inglaterra, para onde me mudei em abril de 1949 e morei com os tios. Estudei no Queens College, mas não terminei porque tive de trabalhar e me formei como secretária bilingue inglês e alemão. Trabalhei num banco comercial no centro financeiro durante cinco anos até me

Nanette Blitz König

casar, em agosto de 1953, com John König, nascido em Budapeste, engenheiro formado na Inglaterra, cujos pais faleceram pouco tempo após o final da guerra.



Nanette e John König no dia do casamento.
Londres, 2.8.1953. Fotografia não identificado.
Acervo: N. König; Arqshoah-Leer/USP.

Brasil, uma nova pátria

Em 1951, John veio ao Brasil a trabalho. Logo após nosso casamento, no dia 2 de agosto de 1953, viemos para o Brasil, e, em junho do ano seguinte, nasceu nossa primeira filha, Elizabeth Helene. Quando chegamos, moramos um mês com a tia dele. Depois nos mudamos para um pequeno apartamento em Moema.

Em dezembro de 1956, resolvemos nos mudar para os Estados Unidos, pois John iria trabalhar para uma companhia multinacional. Em setembro de 1957, nasceu Judith Marion, nossa segunda filha. Em janeiro 1959, John foi enviado para a Argentina, onde residimos por cinco meses, enquanto ele participava do início das operações da fábrica da empresa em que trabalhava. Em maio de 1959, regressamos ao Brasil. Meu terceiro filho, Martin Joseph, nasceu em maio de 1962, em S. Paulo.

A razão de lembrar

Somente por volta de agosto de 1945 é que soube da morte dos meus pais e do meu irmão. Sempre me lembro do que passamos e cito em minhas entrevistas que “lembrar para poder

Vozes do Holocausto

viver, porque esquecer é morrer e perder de vez minha família”. Não sei bem como aguentei firme até o final, como disse na minha entrevista para *O Globo* em 5 de setembro de 2014:

Sou da opinião de que se alguém, por acaso sobreviveu, e é por acaso mesmo, porque não conseguiram matar por alguma razão, essa pessoa tem a obrigação de dizer que o Holocausto existiu com todas as suas horrendas brutalidades. É preciso saber o que aconteceu, e não foi pouca coisa.

Sou muitas vezes convidada a fazer apresentações sobre as minhas experiências durante a guerra, especialmente por causa da minha ligação de amizade com Anne Frank. A lembrança mais forte que guardo dessa época foi quando fomos arrancados de casa. Até hoje escuto a batida na porta, a gritaria, a baixaria. Uma coisa que não se transmite são os cheiros, os gritos e a desumanização. As pessoas não eram nada! Pouco antes de os ingleses entrarem em Bergen-Belsen, eu estava em uma fila para buscar água, e, de repente, o guarda me tirou de lado e apontou a sua arma na minha direção. Eu demonstrei indiferença: e daí! Diante da minha indiferença, ele atirou no ar. Acho que ele não tinha prazer em me matar. Ainda hoje eu me pergunto: se mataram tantos, por que não me mataram também? Fui salva pela indiferença...

Recordo-me também de outro momento, que nós ficamos em pé, em uma fila para ser contados em Bergen-Belsen: a gente nunca sabia quem ia ser tirado da fila. Eu enfrentei Joseph Kramer que me chamou, e naquela hora poderia ter sido condenada à morte, foram todos, e eu fiquei. Eu não era nem melhor nem pior. O que lamento é a falta de conhecimento da história do Holocausto. Acredito que ainda existam pessoas que neguem o que aconteceu.

Em 2015, publiquei o livro de minha autoria *Eu sobrevivi ao Holocausto*, contando minhas memórias numa época em que os judeus foram jogados à própria sorte. A partir do que vivi, constatei que um dos bens mais preciosos do ser humano é a liberdade: liberdade de ir e vir, liberdade de proferir suas crenças, a liberdade de viver como você é.